

A estrutura lógica e os limites da descrição do mundo

Loical structure and the boundaries of discription of world

Donizeti Pessi

Instituição de Ensino Superior Sant'Ana de Ponta Grossa (IESSA)

Universidade Federal de Ponta Grossa (UEPG)

donizetipessi@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7258631386091135>

Kleber Moresco (Studium Theologicum – PUL)

Faculdade Claretiano

klebmoresco@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7378612806891095>

Resumo

Este artigo tem como escopo apresentar como Ludwig Wittgenstein entende o lugar da lógica dentro do mundo na sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus*. Wittgenstein foi associado ao Círculo de Viena e, por meio dessa associação, diversas vezes seu pensamento é compreendido de uma forma distorcida. O *Tractatus* apresenta a estrutura lógica do mundo e sua relação com a linguagem, mas não elimina os aspectos transcendentais da existência na compreensão do mundo. Diversos problemas de linguagem são criados pela falta de compreensão do funcionamento da mesma. Esta pesquisa apresenta a teoria do *Tractatus* definindo de maneira clara os domínios e os limites da linguagem lógica. O mundo pode ser descrito pela linguagem, mas há uma grande diferença entre mostrar e descrever; aquilo que é descrito não está delimitado totalmente no conteúdo da proposição, tanto que, busca sua referência na realidade. Buscar o sentido de uma proposição é uma tarefa muito mais complexa e profunda do que apenas descrever as características de um objeto. A linguagem, quando utilizada corretamente, mostra o sentido dos objetos. Contudo, é necessário compreender o funcionamento da lógica para não criar um discurso totalmente tautológico ou contraditório.

Palavras-chave

Descrever, Linguagem, Mostrar, Wittgenstein, *Tractatus*.

Abstract

This article aims to present as Ludwig Wittgenstein understands the place of logic within the world in his work *Tractatus Logico-Philosophicus*. Wittgenstein was associated with the Vienna Circle, and through this association his thinking is often misconstrued in a distorted way. The *Tractatus* presents the logical structure of the world and its relation to language, but does not eliminate the transcendent aspects of existence in the understanding of the world. Several language problems are created by the lack of understanding of the functioning of the language. This research presents the *Tractatus* theory clearly defining the domains and limits of logical language. The world can be described by language, but there is a great difference between showing and describing; what is described is not totally delimited in the content of the proposition, so much so that it seeks its reference in reality. Seeking the meaning of a proposition is a much

more complex and profound task than just describing the characteristics of an object. The language, when used correctly, shows the meaning of objects. However, it is necessary to understand the workings of logic so as not to create a totally tautological or contradictory discourse.

Keywords

Describing, Language, Showing, Wittgenstein, Tractatus.

1. Introdução

Ludwig Joseph Johann Wittgenstein¹ insurrecionou a forma de perceber a linguagem. Suas obras são uma sequela de uma série de fatores, que envolveram a sua vida, seus estudos, conflitos pessoais e influências de outros pensadores; contudo, este paper não visa acostar-se nos aspectos biográficos ou influências na constituição do *Tractatus*. Foca, de fato, nos elementos da forma como Wittgenstein entende a organização lógica do mundo e a forma como estes, em uma proposição, podem se relacionar com os objetos que significam. E, de tal modo, embrenha-se no campo da linguagem e seus limites.

Parte de pensadores associaram Wittgenstein ao Círculo de Viena que partilhava do pensamento positivista lógico². O estudo atento do *Tractatus* esclarece essa questão, mostrando o funcionamento da linguagem e seus limites. Wittgenstein defende que a compreensão correta da linguagem pode resolver diversos problemas filosóficos. Nota-se, assim, que no *Tractatus Logico-Philosophicus* são abordados temas como: ética, estética, linguagem e transcendência.

O mundo possui uma estrutura lógica. A lógica permite ao ser humano imaginar um objeto conhecido maior, menor, com cor diferente; ou mesmo, identificar as características que o distinguem dos outros objetos. Figuração é o nome dado para o processo de fazer imagens do mundo. Idear uma imagem do mundo pode ser a partir da fala, escrita, imaginação ou pensamento. e.g.; através de uma palavra o ser humano pode significar um objeto; através de uma proposição ele consegue significar um fato; através de um discurso descrever diversos fatos relacionando-os. A linguagem sempre usa como referência o mundo.

A linguagem sempre usa como referência a realidade, portanto, o estudo da realidade e da linguagem caminham muito juntos. Por isso, que Wittgenstein se preocupa tanto com o uso correto da linguagem. Alguns problemas filosóficos são frutos de uma concepção equivocada do mundo,

¹ Filósofo austríaco, naturalizado britânico; 1889 — †1951.

² Também chamado de empirismo lógico ou neopositivismo, cunhado com base no pensamento empírico tradicional e no desenvolvimento da lógica moderna. Circunscreveu o conhecimento à ciência e fez usufruto do verificacionismo para rejeitar a Metafísica, não como falsa, mas como destituída de significado.

descritos em forma de discurso. A resolução desse tipo de problema precisa partir de um estudo apurado da linguagem e de suas formas de uso.

A relação entre a linguagem e o mundo está vinculada pela estrutura lógica. Todavia, o funcionamento do mundo não depende da determinação lógica feita pelas teorias humanas. Depois de uma chuva não é obrigatório que apareça o sol, ainda que, na maioria das vezes, isso acontece. Existe um descompasso entre as teorias humanas e o funcionamento do mundo. Essa particularidade é abordada por Wittgenstein no *Tractatus*, no qual o campo da linguagem e das teorias humanas e quais são seus limites são expostos.

A forma lógica do mundo

O mundo é mesclado por uma infinidade de objetos particulares. Os objetos do mundo têm em si dois aspectos: a sua substância e a sua forma. A substância é o que adjudica a identidade para o objeto, enquanto a forma e as características tornam aquele objeto diferente de tantos outros do seu grupo, sem alterar em nada sua substância³. Cada objeto possui o seu lugar no mundo e todos os objetos estão ordenados logicamente. Por conseguinte: “Os objetos constituem a substância do mundo”⁴ (WITTGENSTEIN. 2001, p.133).

O objeto é algo fixo, mas sempre adquire uma configuração⁵ individual ao se apresentar no mundo. A configuração é o que individualiza cada objeto. Elementos como cor, peso, tamanho, localização espacial, todos fazem parte da configuração do objeto e não da sua substância. Todos os objetos no mundo são manifestos por meio de uma configuração específica. O simples fato de conseguir identificar um objeto já o torna individual dentre tantos outros⁶ (cf. WITTGENSTEIN. 2001, p.133).

Não há como pensar em um objeto desprovido de uma forma, pois isso envolve pensar em algo sem cor, peso, tamanho e fora do espaço. Até mesmo os objetos da imaginação possuem propriedades externas bem estruturadas: “É essencial para a coisa poder ser parte constituinte de

³ Substância: são os elementos que distinguem e.g. uma bola de uma casa. A bola e a casa possuem substâncias diferentes. Forma: são as características particulares do objeto. e.g.: a bola amarela; a cor não altera em nada a sua substância da bola, mas a caracteriza entre tantas outras.

⁴ O mundo é composto pela união dos objetos simples, não pela união de cada objeto em particular. e.g.: um residencial é um conjunto de diversas casas, não importa as especificidades de cada uma dessas casas.

⁵ Configuração, propriedades externas e estado de coisa são usados como sinônimos de forma. E propriedades internas usadas como sinônimo de substância.

⁶ Em uma piscina de bolinhas, onde todas possuem a mesma cor, mesmo tamanho e mesmo peso, o simples lugar que uma delas ocupa no espaço já a torna diferente de todas as outras, pois aquele é o espaço que apenas ela pode ocupar naquele momento.

um estado de coisas” (WITTGENSTEIN. 2001, p.129). A substância é o que define o objeto, mas toda substância necessita de uma forma para se manifestar na realidade, ou mesmo, para ser pensada.

A substância do mundo desponta através dos objetos e da sua forma, mas ela mesma foge da compreensão espacial, temporal e visual. É possível identificar os diversos objetos que partilham da mesma substância, mas não é possível pensar a substância deles desligada de uma particularização, pois é exatamente as características que compõem a forma do objeto, que permitem uma figuração desse⁷ objeto. Não importa quantos objetos particulares existem no mundo, importa saber que determinado objeto existe – “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas” (WITTGENSTEIN, 2001, p.129) – todas as existências se manifestam através dos objetos, mas é a existência que faz parte da substância do mundo⁸.

O processo de figuração

Figuração é o nome dado à capacidade humana de cunhar figuras da realidade. Ao admitir um determinado objeto, o sujeito cria uma imagem dele que é uma pequena parte no amplo quebra-cabeça que contém a imagem do mundo – “A figuração é um modelo de realidade” (WITTGENSTEIN. 2001, p.135) – que pode descrever corretamente os objetos dentro de sua configuração no mundo ou, então, criar possibilidades de configurações para esses objetos.

A figuração significa um objeto ou um fato através de um pensamento, de um sinal linguístico de um signo sonoro. A vinculação que existe entre o signo e seu conteúdo acontece por meio da lógica (cf. NEF. 1995, p.146). Todas as vezes que um signo é mostrado, dito ou pensado, automaticamente há uma vinculação com uma configuração específica⁹. A figuração vincula o signo com a realidade ou imagina uma possibilidade de configuração para ele. Toda figuração sempre parte da realidade, e não é possível pensar em algo que não tenha nenhuma referência na realidade¹⁰.

⁷ Esse termo será explicado em seguida.

⁸ Não é importante saber quantas casas vermelhas existem no mundo. A existência do objeto casa, independentemente de como sejam suas particularidades, é o que faz parte da substância do mundo.

⁹ Todas as vezes que alguém fala ou pensa acerca do objeto bola, automaticamente insere esse objeto dentro de uma configuração específica. Não é possível compreender, pensar ou falar de um objeto que não possua uma forma.

¹⁰ O unicórnio não existe enquanto criatura total, mas ele é a união entre um cavalo e um chifre, ambos são elementos da realidade. Os elementos da figuração podem não existir juntos, mas as partes dessa construção sempre serão tiradas da realidade.

Note-se que: “Na figuração e no afigurado deve haver algo de idêntico, a fim de que um possa ser, de modo geral, uma figuração do outro” (WITTGENSTEIN. 2001, p.137). É, precisamente, o que há de idêntico entre todos os objetos, que permite que aconteça a figuração – a forma lógica. A lógica é o elemento que consente na relação entre a figuração e o afigurado, fazendo com que um retribua-se ao outro. Toda forma de figuração sempre vai partir da realidade e usar a forma da realidade como referência (cf. WITTGENSTEIN. 2001, p.139), ainda que seja para se opor à lógica presente nela. Destarte, a forma lógica da realidade sempre constitui a base de todas as formas de figuração, ainda que esta não tenha o objetivo específico de descrever.

A totalidade dos objetos possuem uma configuração que pode ser figurada, pois a lógica mostra a estrutura do mundo ao sujeito que figura (cf. ARAÚJO. 2004, p.78). A figuração apresenta direta relação com os objetos do mundo, mas sua existência não está subordinada à descrição de um objeto particular. Mesmo que o objeto total da figuração não exista na realidade, a proposição em si continua a existir como fato linguístico (cf. PINTO. 1998, p.159). A existência da proposição não depende da descrição que ela faz. Da mesma forma como a substância dos objetos não depende da configuração que eles adquirem, a existência da proposição não depende da descrição que ela faz. No caso da proposição a existência difere do conteúdo. Todas as proposições são fatos no espaço lógico. A possibilidade compõe um modo lógico de manifestação da proposição, pois estabelece modos de configuração de um determinado objeto (cf. ZILLES. 2001, p.41).

A estrutura lógica da proposição não pode ser tomada como argumento de verdade para existência do objeto descrito. Nem todo discurso lógico tem aplicabilidade na realidade. A forma lógica é uma estrutura que vincula um signo ou uma proposição com um objeto ou com um fato, mas não atua sobre ele¹¹. A verdade ou falsidade está na fidelidade com que a proposição descreve os objetos e os fatos (cf. WITTGENSTEIN. 2001, p.139).

Wittgenstein entende que a linguagem e a realidade apresentam uma relação de isomorfismo:

(...) o isomorfismo presente se dá quando a estrutura dos nomes da proposição corresponde à estrutura dos objetos. Dessa forma, não é porque existe um objeto no mundo que a proposição é verdadeira e, o contrário dela, passa a ser falso. Essa parte do argumento serviria apenas para alimentar o desejo verificacionista do Neopositivismo Lógico. A proposição é falsa quando a combinação de nomes não representa uma combinação de objetos existente, isto é, não é o caso no mundo que os objetos estão

¹¹ O estabelecimento de uma lei física não altera em nada o funcionamento do mundo. Observando o funcionamento do mundo, são criadas teorias para tentar explicar esse funcionamento.

combinados da forma como representados pela combinação de nomes (JÚNIOR. 2018, p.32).

O isomorfismo está baseado na correspondência entre um signo e um objeto, essa relação é possível por causa da lógica presente tanto no signo quanto no objeto. Entre o signo e o objeto é necessário que haja uma relação de diferenciação e uma relação de semelhança. Isomorfismo é a relação em que a proposição significa o fato ou objeto sem se confundir com ele. A proposição não é conteúdo de si mesma. A proposição manifesta a lógica através do conteúdo nela expresso (cf. MORENO. 2000, p.14).

A proposição tem a capacidade de mostrar a sua forma lógica, mas não de descrevê-la. Da mesma forma, o objeto mostra a sua substância através da sua forma. As proposições mostram a lógica contida nelas, mas não conseguem descrever a lógica que manifestam. A figuração pode descrever qualquer objeto, pois o toma a partir de sua forma exterior, todavia a figuração não pode figurar a lógica, pois, para isso, seria necessário que se colocasse fora de si mesma (cf. WITTGENSTEIN. 2001, p.137).

A figuração pode conceber a forma de qualquer objeto, mas não a sua substância. A figuração não pode afastar o objeto de todas as suas configurações, pois sem uma configuração não há como a substância a mostrar-se. Do mesmo modo, a proposição exhibe sua forma lógica, mas não pode descrever a lógica contida nela própria. O processo descritivo da figuração atribui as características ou possíveis características daquilo que é descrito, estabelecendo com tal objeto uma relação de correspondência isomórfica. A substância tanto dos objetos quanto da linguagem pode apenas ser mostrada, mas não descrita. Assim, tem-se que:

Wittgenstein reconhece a presença de um obstáculo significativo no projeto do *Tractatus*. Na tarefa de, utilizando-se da linguagem, marcar os limites do pensamento, o desenho produzido pela obra mostra uma linha divisória, cujo sentido só pode ser captado na experiência mesma do processo de delimitação que o sujeito faz do mundo. De um lado, está situada a realidade possível de ser referida pela linguagem (a lógica) e, de outro, conseqüentemente, aquela situada para além de tal possibilidade (a mística). O *Tractatus* mostra a necessidade de se considerarem os dois lados desta linha delimitativa, isto é, tanto o que se pode quanto o que não se pode referir pela linguagem; ou seja, a lógica delimita por dentro o que o mundo é por fora (VALLE. 2003, pp.69-70).

A lógica organiza os signos, permitindo que a linguagem descreva um fato – “A linguagem é um conjunto de funções caracterizadas pela natureza lógica” (MORENO, 2000, p.16) –, mas ao tentar descrever a forma como a lógica funciona muito facilmente são geradas proposições sem sentido, elas recebem o nome de tautologias ou contradições: “Para ter sentido, uma proposição deve possuir condições de verdade e, portanto, deve representar um estado de coisas possível cuja existência eventual não pode ser senão perfeitamente contingente e acidental” (SCHMITZ. 2004,

p.131). E no caso da tautologia e da contradição isso não acontece, a tautologia admite todas as possibilidades e a contradição nenhuma delas. Muitos problemas filosóficos são gerados pela tentativa em descrever elementos que não pertencem ao campo da linguagem.

O limite lógico da figuração

A partir da linguagem é possível situar o limite dela. A compreensão do limite da linguagem não implica a abstenção de todas as afirmações como propôs Fritz Mauthner (cf. ZILLES. 2001, p.62). Aquilo que é transcendente pode ser objeto do discurso lógico a partir do momento em que se tem clareza da incapacidade de contê-lo. O Tractatus faz, como que um repto, para experimentar aquilo que transcende a linguagem. Isso é possível por que “(...) o eu filosófico não é o homem, não é o corpo humano, ou a alma humana, de que trata a psicologia, mas o sujeito metafísico, o limite - não uma parte do mundo” (WITTGENSTEIN. 2001, p.231). A expressão do sujeito está determinada pela linguagem, mas a experiência que ele faz pode transcender a linguagem.

Existe uma inquietação própria daquele que está no limite: o mundo é o espaço da manifestação, tanto da forma quanto da substância. Mas a materialidade dos objetos e das proposições não definem a totalidade do mundo. Os limites da linguagem constituem também o limite da manifestação, mas não determinam a experiência. Da mesma forma como a substância não está contida na configuração específica do objeto, a experiência não está delimitada pela descrição feita sobre ela: “Dizer que Deus não é logicamente pensável nem dizível não significa dizer que Deus não existe” (ZILLES. 2001, p.62). Wittgenstein compreende que a incapacidade de falar sobre algum elemento não consiste na inexistência daquele elemento, pois a todo momento, elementos transcendentais estão se mostrando através do mundo.

Os objetos do mundo são substâncias que possuem uma configuração lógica e um aspecto estético, todos os objetos compartilham dessas características. O que a linguagem consegue descrever é apenas a configuração lógica do objeto. A linguagem não consegue descrever quais são os aspectos que tornam aquele objeto estético, qual é a especificidade de sua substância ou qual a lógica de este objeto ter essas configurações e não outras. O objeto no ato de existir manifesta sua substância, lógica e estética.

No ato de descrever, o ser humano está restrito aos limites linguísticos – “os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo” (WITTGENSTEIN. 2001, p.229) –, mas desligado do processo descritivo, a vida se revolve-se em um campo de experiências místicas. O sujeito filosófico é um sujeito metafísico e a sua própria existência consiste em uma experiência

sem explicação: “O mundo e a vida são um só. Eu sou meu mundo. O sujeito que pensa, representa, não existe” (WITTGENSTEIN. 2001, p.229). O sujeito metafísico não pode descrever a si mesmo, mas não pode ter dúvida que sua existência é um fato no mundo, e que essa se mostra. O sujeito filosófico é um limite descritivo para si mesmo. A compreensão individual como sujeito metafísico constitui-se fruto de uma experiência e não de uma descrição. Assim temos que:

O conjunto de tudo aquilo que pode, por meio da linguagem, ser expresso registra o contingente do mundo, revelando, assim, uma neutralidade ética. Mas aquelas coisas que pedem juízos de valor (envolvendo a dimensão ética, estética ou religiosa), estão situadas num domínio superior (transcendente), inefável, não admitindo, no interior da linguagem, qualquer tipo de formulação. A intuição desse transcendente, desse inefável, constitui no *Tractatus* a experiência mística que, por não apresentar algum tipo de relação com o mundo, não se permite reduzir linguisticamente. A única atitude legítima a ser adotada é, como conclusão o silêncio (VALLE. 2003. p.68).

Um ato ético pode ser manifesto apenas através da materialidade dos sujeitos e das suas relações, mas a ética não é uma propriedade material do ato. O mesmo ato pode ser repetido várias vezes, sem que manifeste a ética: “É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental” (WITTGENSTEIN. 2001, p. 257). A existência da ética não sofre alteração alguma por não ser identificada descritivamente. Há uma ilusão no ato de acreditar que as leis naturais e civis sejam formas de definir o que é o mundo ou a justiça. A linguagem amolda-se à existência e não o contrário.

A vida é um vínculo indissolúvel entre a materialidade do mundo e a transcendência. Ela é a porta de entrada para o campo místico. A existência é: um fato transcendente e uma manifestação material ao mesmo tempo (cf. ZILLES. 2001, pp.28-9). A partir da compreensão de transcendência o que sofre alteração é o sujeito filosófico e não o mundo. A forma como o sujeito faz a experiência com o mundo é alterada pela vontade, e não pela materialidade do mundo – “O místico não é como o mundo é, mas que ele é” (WITTGENSTEIN. 2001, p.259) – todas as existências partilham de uma dimensão mística, que transcende a sua materialidade. A manifestação da substância no mundo e a vontade do sujeito filosófico são os elementos que permitem que aconteça a experiência mística.

Da mesma forma como a linguagem é uma manifestação natural da lógica, os atos justos são manifestações naturais da ética, assim como a configuração dos objetos são manifestações da estética. Todos os elementos do mundo estão permeados de uma dimensão mística que não pode ser descrita, mas que pode ser experimentada. O mundo, do mesmo modo, é o espaço da descrição e da manifestação – o local de silêncio diante do místico: “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN. 2001, p.125) –, pois a descrição atrapalha a experiência. O

silêncio é o espaço da experiência. Da mesma forma, como a linguagem necessariamente usa como forma lógica a realidade, o silêncio com sentido pressupõe a experiência mística, caso contrário ele é apenas ausência de ruído.

Considerações finais

A lógica presente tanto na linguagem quanto no mundo admite que se estabeleça uma relação entre ambos. A linguagem é um modelo do mundo, capaz de figurar todos os objetos do mundo. Contudo, a linguagem não remata o mundo nem tudo o que existe no mundo pode ser descrito. Diversos elementos que são existências de fato, não podem ser descritos pela linguagem. O campo da linguagem é limitado, e se faz importantíssimo respeitar os limites da linguagem para que a proposição possua sentido.

O sentimento de limite vivido pelo sujeito filosófico consiste em uma porta para o campo místico. Todos os objetos do mundo possuem características transcendentais, todavia, todos os objetos e características transcendentais se manifestam na materialidade do próprio objeto. A materialidade do objeto não pode ser descartada, pois é através dela que o ser humano consegue fazer a experiência mística. Ao mesmo tempo, a materialidade não pode ser tomada como o fundamento de todas as coisas do mundo. Além da materialidade existem elementos que permeiam a existência.

A descrição toma todos os seus objetos a partir de fora e através das proposições identifica suas configurações. As proposições descritivas verdadeiras possuem um ordenamento lógico e estabelecem relação com a realidade. As proposições manifestam que são portadoras de lógica, mas não conseguem descrever a lógica que manifestam. Do mesmo modo, o sujeito que descreve pode tomar qualquer objeto, menos a si mesmo, o sujeito filosófico não consegue descrever o seu próprio ser metafísico. A descrição é a identificação das propriedades de um objeto, enquanto o fato da existência desse objeto ser os elementos que não podem ser identificados na materialidade, como: estética, substância e ordenamento lógico das suas características.

O ser humano é o limite entre o mundo e a transcendência, por isso a importância de entender o funcionamento da lógica para não criar problemas filosóficos. Todos os objetos do mundo podem ser descritos, mas os objetos transcendentais não. Quanto aos elementos do campo místico, podemos fazer experiência com eles, mas é impossível delimitá-los. A insistência em falar sobre elementos transcendentais gera na linguagem proposições sem sentido, que são as tautologias e as contradições. Cada qual representa que todas as possibilidades são possíveis, e a

outra, que nenhuma possibilidade é possível. Ambas as formas de proposição, tautológicas e contraditórias, não dizem nada com sentido.

Pertencem ao campo místico elementos como a ética, a estética, a lógica e a religiosidade. É evidente que existem atos que são éticos, mas a ética não é um elemento encontrado na materialidade do ato, a ética não pode ser delimitada pelas leis civis, também não pode ser tida como posse de uma pessoa. A ética se manifesta, mesmo sem poder ser descrita. A impossibilidade

Pertencem ao campo místico elementos como a ética, a estética, a lógica e a religiosidade. descritiva assinala o limite da linguagem mais do que a existência ou inexistência de um objeto. Identificar o limite da linguagem evita a criação de problemas sem sentido. Alguns problemas filosóficos nunca encontrarão solução, pois a linguagem não pode ultrapassar o seu limite descritivo. Tudo aquilo que pode ser dito, pode ser feito claramente, afirmou Wittgenstein.

O silêncio é necessário diante do campo místico, pois a própria existência é um fato sem explicação. O silêncio adquire uma dimensão transcendente quando serve de expediente para que aconteça a experiência mística. Não é o mundo que é alterado pela dimensão mística, é a compreensão do sujeito. Quando o sujeito transforma o seu modo de relacionar-se com os objetos e fatos, todo o mundo se torna uma contínua experiência de transcendência.

Referências

- ARAÚJO, I. L. *Do signo ao discurso: Introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola, 2004.
- JÚNIOR, L. P. *Realidade, Linguagem e Metaética em Wittgenstein*. Curitiba: PUCPRESS, 2018.
- MORENO, A. R. *Os labirintos da linguagem: Ensaio introdutório*. São Paulo: Moderna, 2000.
- NEF, F. *A linguagem: uma abordagem filosófica*. [trad. Lucy Magalhães]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- PINTO, P. R. M. *Iniciação ao silêncio: uma análise do Tractatus de Wittgenstein como forma de argumentação*. São Paulo: Loyola, 1998.
- SCHMITZ, F. *Wittgenstein*. [trad. José Oscar de Almeida Marques]. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- VALLE, B. *Wittgenstein: A forma do silêncio e a forma da palavra*. Curitiba: Champagnat, 2003.
- ZILLES, U. *O racional e o místico em Wittgenstein*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. [trad. Luiz Henrique Lopes Santos]. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

Recebido: 08-08-2018

Aceito: 19-03-2019